

Entre a transgressão e a permanência: um panorama do Jenotdel (1919-1930)

Thaiz Carvalho Senna¹

Resumo: Neste trabalho, síntese da dissertação de mestrado da autora, pretendemos apresentar nossas conclusões sobre o departamento feminino soviético, o Jenotdel. No contexto de amplas transformações, possibilitadas pela Revolução Russa de 1917, a emancipação feminina foi colocada como um objetivo a ser conquistado. Neste sentido, abordaremos a questão das mulheres no primeiro momento do Estado Soviético (1917-1930), quando esse ainda permitia que elas decidissem, em algum grau, sobre as demandas colocadas como pertencentes a elas. Tal questão, que tem suas raízes na Revolução Francesa, nos fenômenos russos feminista, niilista e populista e na social-democracia alemã, tem sua síntese final no Jenotdel (Departamento das Mulheres do Partido Comunista soviético). Esse organismo surge durante o processo revolucionário enquanto personificação dessa possibilidade emancipatória e, por meio dela, agiu em defesa das mulheres, por vezes transgredindo, por vezes corroborando ideias e práticas historicamente fundadas naquela sociedade.

Palavras-chave: Jenotdel; Questão da mulher; História da Rússia soviética

Between transgression and permanence: a panorama of Zhenotdel (1917-1930)

Abstract: In this work, synthesis of the master's thesis of the author, we intend to present our conclusions about the soviet women department, Zhenotdel. In a context of broad transformations, made possible by the Russian Revolution of 1917, female emancipation was placed as a goal to be won. In this sense, we will approach the women question in the first moment of the Soviet State (1917-1930), when it still allowed them to decide, to some degree, on the demands placed on them. This issue, which has its roots in the French Revolution, in the Russian feminist, nihilist and populist phenomena and in German social democracy, has its final synthesis in the Zhenotdel (Women's Department of the Soviet Communist Party). This organism emerges during the revolutionary process as a personification of this emancipatory possibility and, through it, acted in defense of women, sometimes transgressing, sometimes corroborating ideas and practices historically founded in that society.

Keywords: Zhenotdel; Women's question; History of Soviet Russia.

¹ Doutoranda em História pelo PPGH/UFF e participante do LABESTRAD/UFF (Laboratório dos Estudos de Tradução da UFF). Email: thaizsenna@gmail.com

No presente artigo, trataremos do Jenotdel, o Departamento de Mulheres do Partido Comunista soviético, tentando traçar um panorama desse aparato, tão importante para a história das mulheres e para a história soviética, mas que foi, junto com tantos órgãos pré-stalinistas, limadas da memória e da historiografia. Ao mesmo tempo em que buscaremos evidenciar o esqueleto que o mantém, isso é, sua definição, origem, dificuldades, objetivos, tarefas, bandeiras e conquistas, delinearemos também, através desses elementos, um movimento que os perpassa, dado o caráter contraditório do contexto revolucionário: a mistura conflituosa, mas por vezes também convergente, entre transgressões e permanências.

Um aparato para e por mulheres

Jenotdel, abreviatura para *jenskii otdel*, departamento feminino, é como era conhecido o Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Mulheres Camponesas do Partido Comunista soviético. Criado oficialmente em 1919, o ele foi um aparato intrapartidário, que lutou pelas causas e direitos femininos.

A criação do Jenotdel: entre as condições materiais e os indivíduos

A criação do Departamento de Mulheres deu-se por meio de vários elementos que se concatenaram naquele momento, como as pressões das mulheres militantes do Partido, que desde a década anterior participavam e faziam um movimento feminino, e o contexto pós-revolucionário, que em muitos níveis era aberto ao novo – o que incluía uma postura libertária de parte da sociedade, expressa nos soviets, que propiciava transformações profundas; bem como uma postura condescendente por parte do Partido, que acata, quando não dirige, tais mudanças.

A ferro e fogo: o rechaço às mulheres na política e às políticas para mulheres

Todavia, a postura positiva em relação a tais mudanças não era, de fato, unânime. A Rússia tsarista era extremamente conservadora em muitos sentidos, no que dizia respeito, entre tantos outros aspectos, à questão feminina. Isso se expressava no meio legal, com leis que pregavam que a mulher deveria seguir seu marido; no meio econômico, que se opunha às mulheres no mercado de trabalho; no meio cultural, com tradições como a de presentear maridos com chicotes, para que castigassem as esposas quando “necessário”; no meio linguístico, como o termo *baba*, usado para referir-se às mulheres de forma insultante, significando a mulher atrasada, ignorante, inferior; no

meio político, dada a impensabilidade de mulheres nas cúpulas de poder do governo e o grande rechaço para com as mulheres que tentavam movimentar-se politicamente.

Dado o contexto amplamente conservador, esse rechaço era disseminado por toda a sociedade, inclusive nos movimentos de esquerda. Porém, se a presença das mulheres em reuniões ou passeatas em alguns momentos foi idealizada – sendo vistas talvez mais como *Mariannes* francesas do que como indivíduos políticos – o mesmo não se deu em relação às movimentações políticas do campo da esquerda de mulheres lutando por igualdade entre os sexos e direitos próprios ao seu gênero. Tendo o Jenotdel sendo uma das sínteses mais profundas de uma organização desse tipo (ou seja, algo próximo do que hoje conheceríamos como *feminista*, embora naquele contexto tal termo referisse-se a outro tipo de movimento), foi conseqüentemente um dos que mais sofreu com esse rechaço. *Baba otdel* (departamento de *babas*), *tsentro-baba* (centro de *babas*) e *bab-kom* (comitê de *babas*) eram formas jocosas para se referir ao Jenotdel, usadas comumente por parte dos homens do Partido Comunista.

Permanências, resistências e transformações

Considerando o contexto retrógrado e a resistência direta à existência do Jenotdel, compreende-se que essa se deu por meio de um processo calcado em profundas pressões, contradições e conflitos. Sendo a organização uma aparato que tratava das questões específicas das mulheres, os defensores do Jenotdel buscavam a afirmação e solução de uma questão feminina. Tal fato nos explica uma das principais razões para o surgimento do Jenotdel, em meio a um ambiente tão hostil às mulheres como parecia ser a Rússia e, até mesmo, o PC – e não em países menos conservadores, mais avançados em suas pautas relativas à emancipação feminina, como a Alemanha, que legalizou o casamento civil e o divórcio em 1893 ou a Nova Zelândia, que legalizou o voto feminino em 1893.

A questão é que, mesmo sendo um contexto conservador, que dificilmente aprovava leis em benefício das mulheres, das/os trabalhadoras/es e camponesas/es, esses sujeitos sociais estavam em luta constante por seus direitos. As mulheres tinham no movimento feminista – organizações de mulheres pequeno-burguesas e burguesas, influenciados pela Revolução Francesa e com propostas e práticas liberais e reformistas, relacionadas à educação e à filantropia – seu primeiro momento de luta, em fins da década de 1850, ainda que moderado – uma primeira resposta à questão feminina, que o tsarismo não queria dar.

Posteriormente, na década de 1860, houve o ascenso dos movimentos niilista e populista. Apesar de constituírem grupos não centralizados, esses movimentos apresentavam, em geral, interesse na questão feminina. Mais do que isso, contrastando com o lugar da mulher na sociedade russa, havia um forte protagonismo feminino neles - desde Vera Pávlovna, personagem de Tchernichévski em *O Que Fazer*, um livro de 1863 que em muito influenciou o movimento niilista, o populista e mesmo o bolchevique, tendo sido precursor literário do Jenotdel, como observa o historiador Richard Stites (1976, p.115); até Vera Zassúlitch, participante do movimento populista que que realizou uma tentativa de atentado ao governador de São Petersburgo, Fiódor Triépov, bem como várias outras mulheres que coordenavam grupos intelectuais e políticos, como as irmãs Kornílov. Esses dois movimentos, niilismo e populismo, constituíram então, ao longo de sua existência, duas outras respostas à questão feminina – ainda mais radicais e indesejadas do que a feminista².

Como já se percebe pelo título do livro de Tchernichévski, o niilismo e o populismo influenciaram de forma direta o bolchevismo e a República Soviética, tendo intercâmbios de pessoas e ideias entre esses movimentos. Junto desse caldo histórico, houve a emergência de personagens que, frutos desse, como Aleksandra Kollontai, Nádiejda Krúpskaia, seu marido Vladímir Lenin, Konkórdia Samóilova, Inessa Armand, ajudaram a fazer da República Soviética o país mais avançado em relação à questão feminina naquela época – e, em vários aspectos, ainda nos dias de hoje. Por sinal, foi do movimento socialdemocrata alemão que surgiu figuras que influenciaram profundamente o bolchevismo e o Jenotdel. Clara Zetkin e August Bebel foram, nesse sentido, possivelmente os maiores expoentes, tendo o segundo influenciado com suas ideias, especialmente com seu progressivo livro, *A mulher e o socialismo* (1879) e a segunda tendo influenciado diretamente o departamento, posto que convenceu Aleksandra Kollontai da necessidade de um organismo específico para as mulheres, bem como ajudou no convencimento de Lenin sobre a importância da questão feminina, além de atuar diretamente na República Soviética com as militantes do Jenotdel.

2 Para mais sobre isso, recomendo Richard Stites, *The women's liberation in Russia: feminism, nihilism, bolshevism* (1978)

Objetivos: representante das mulheres ou submisso ao Partido?

Os objetivos do Jenotdel são discutíveis – inclusive para as próprias personagens históricas daquele momento. Como observa a historiadora Carol Eubanks Hayden, por exemplo, para o líder bolchevique Vladímir Lenin, o Jenotdel era um organismo a ser usado como um representante do Partido entre as mulheres russas. Já a militante bolchevique e uma das principais idealizadoras do Jenotdel e da questão feminina, Aleksandra Kollontai, conseguiu transformar essa fórmula em seu oposto, fazendo o Departamento ser um representante das mulheres no Partido Comunista (HAYDEN: 1976, p.162). Entre a bibliografia, as posições em geral costumam dialogar com essas duas posturas. Destaca-se a tese da historiadora Elizabeth Wood, que coloca o Jenotdel como tendo o objetivo de transformar a *baba* em uma camarada – tese essa que, como se vê ao longo de seu livro *The baba and the Comrade* (1997), considera que a posição leninista foi mais corrente, compreenda também como presente a de Kollontai. Concordamos com a autora, porém, acreditamos na complexidade apresentada pelo Departamento de Mulheres, o que significa que esse apresentou múltiplas facetas, que, por vezes entrelaçavam-se entre si de forma contraditória. Ora a organização comportava-se de forma mais a responder aos objetivos do Partido, ora mais às necessidades das mulheres trabalhadoras e camponesas (as primeiras mais do que as segundas).

Essas diferenças variavam espacialmente, dado que o Jenotdel estava espalhado ao longo de toda a República Soviética, e temporalmente, visto que, após 1921, período em que se iniciou a Nova Política Econômica³, o Departamento começou a ter que se submeter às vontades partidárias cada vez mais.

Um objetivo que parece perpassar o Jenotdel como um todo é o da melhoria das condições das mulheres. Para as militantes da direção do departamento, como Kollontai, tal melhoria de fato significava adaptar a mulher ao mercado de trabalho e transformá-la em uma comunista – tais políticas eram, portanto, convergidas à ou, minimamente, em prol da melhoria das condições femininas. Inversamente, para a direção partidária, de ampla maioria masculina, o contrário era mais comumente pensado: a adesão ao trabalho fora de casa e ao Partido eram as causas principais pelas quais se desejava melhorar as condições das mulheres.

3 Também chamada NEP, foi um plano governamental entre 1921 e 1928 que se caracterizava por um recuo, permitindo práticas econômicas próprias ao sistema capitalista para sair da crise instaurada e avançar em direção ao socialismo.

Tarefas: entre a direção partidária e a militância feminina

As tarefas a serem cumpridas pelo Jenotdel eram múltiplas e variadas. Embora no papel elas relacionassem-se mais à captação de mulheres para o Partido, ao avanço da consciência das massas femininas (o que significava na maioria das vezes um alinhamento político com o Partido) e aspectos focados nos interesses da organização partidária, na prática, as participantes do Jenotdel cumpriam trabalhos diversificados, muitas vezes não relacionados diretamente à política (embora, a partir de 1921, cada vez mais necessariamente relacionados). De acordo com nossa pesquisa - em que analisamos tanto os documentos oficiais (forjados ou não pelas diretoras do Jenotdel) que orientavam as práticas da organização, quanto as fontes que indicavam quais práticas de fato estavam sendo realizadas - as tarefas do Jenotdel englobavam organização de: passeatas, comícios, manifestações e reuniões relacionadas às questões femininas e questões do Partido; campanhas de propaganda porta-a-porta nos domicílios das mulheres; reuniões de delegadas; espaços, chamados espaços vermelhos e tendas vermelhas, dedicados a instruir as mulheres em assuntos de saúde, educação e política; escolas de alfabetização; creches e orfanatos para crianças desabrigadas; conferências com as militantes do PC e conferências com as não militantes; cursos internos sobre as questões femininas, internos ao Partido; campanhas relacionadas às políticas decididas; campanhas e estruturas de medicina preventiva e saúde pública; serviços sociais, como lavanderias, restaurantes, creches, lojas de reparo de roupas, habitações comunais, todos públicos e gratuitos; distribuição de comida. Além disso, as participantes do Jenotdel deveriam: realizar trabalho permanente de agitação e propaganda entre as soviéticas; participar nas assembleias e congressos públicos; criar comitês de doentes e feridos do Exército vermelho; compilar dados sobre as atividades do departamento; publicar boletins e periódicos; supervisionar os materiais acerca da questão feminina a serem publicados; fornecer literatura para as regiões e províncias; promover cursos e palestras de educação e discussão; envio de delegadas para ambientes de trabalhos diversos, para que elas tivessem contato com a prática, informassem às trabalhadoras dos locais sobre as novas legislações, supervisionassem se as leis estavam sendo colocadas em prática e compartilhassem sua experiência com suas companheiras do local de origem; mobilizar as forças do Partido para o trabalho entre as mulheres; auxiliar nas eleições de mulheres nos diversos órgãos; organizar anualmente o Dia Internacional das Mulheres Trabalhadoras.

Como se percebe, como qualquer departamento importante, as atividades do Jenotdel englobavam desde trabalhos burocráticos, até atividades que lidavam diretamente com a população, buscando a melhoria de vida da mesma. Englobavam também tarefas que reforçavam o lugar histórico das mulheres, enquanto mãe e dona de casa, e, em contrapartida, tarefas em muito inovadoras e transgressoras, que colocavam a mulher como ser político, que podia trabalhar fora e conquistar sua independência. Englobavam, por fim, tarefas que diziam respeito às políticas e objetivos partidários, e tarefas que respondiam diretamente à questão e necessidades das mulheres daquele momento. De forma desigual, as pressões da direção partidária combinavam-se às pressões das mulheres da base e da direção do Jenotdel. O processo era, em algum grau, fluido: tarefas que corroboravam o lugar da mulher como responsável por lavar, cozinhar e cuidar das crianças ajudavam na libertação do trabalho doméstico, possibilitando as mulheres a trabalharem fora, fazer política e ter tempo livre; tarefas que reiteravam o papel da mulher como relacionada à alfabetização, educação e artesanato, como as dispostas nas Tendas Vermelhas do Cáucaso, por exemplo, foram responsáveis por aproximar mulheres que, posteriormente, movimentaram-se politicamente em prol de sua liberdade; tarefas que ajudavam na organização de cada vez mais mulheres, como o objetivo de expandir o Jenotdel por toda a União Soviética, ajudaram a reforçar a ocupação soviética em tempos em que os territórios ainda estavam em disputa, durante a Guerra Civil.

Um passo para trás para dar dois à frente: entre a transgressão e a permanência

Se concebermos o Jenotdel como uma ferramenta de defesa das mulheres trabalhadoras e camponesas no Partido Comunista e no Estado Soviético, o Departamento Feminino, por si só, já se coloca como uma conquista, em um contexto em que as mulheres não podiam contar sequer com seus familiares para defender seus direitos. Porém, a defesa com sucesso delas, é claro, é o que realmente constitui as vitórias do Jenotdel para com as mulheres.

Analisando-as, mais uma vez vemos um processo contraditório. Em um momento de ampla efusão revolucionária, muitas ideias profundamente transgressoras surgiam, tal foi o contexto único da Revolução Russa. Como já visto, por um lado, o Jenotdel fazia coro com a transgressão, buscando colocar as mulheres em um patamar nunca antes visto, no ambiente público, no trabalho não doméstico, como indivíduo ativo e não simplesmente mãe, esposa, dona de casa e objeto. É o caso, por exemplo, da luta e da

conquista do direito ao aborto, conquista essa a qual a República Soviética foi pioneira, concedendo em 1920 um direito que até hoje grande parte dos países não aceita. As militantes do Jenotdel faziam parte de uma comissão específica sobre esse procedimento, juntamente com os médicos, a fim de garantir os leitos nos hospitais, concedidos gratuitamente (os abortos fora dessas instituições, por sua vez, haviam sido proibidos). As líderes do Departamento de Mulheres central também demonstravam-se, em muito, transgressoras. Inessa Armand, diretora central do Jenotdel entre 1919 e 1920 e Nádíejda Krúpskaia, uma das principais líderes do departamento, foram, em nossa pesquisa, duas das três únicas pessoas a apresentarem o argumento sobre o aborto considerando o corpo, a vida da mulher e a vontade da mesma - e não, apenas, a falta de condições materiais para criar uma criança (como a maior parte da direção partidária defensora da legalização entendia: um mal menor). Armand, em uma das reuniões do Jenotdel, propôs o slogan "Sob a ordem comunista, é impensável que o parto seja uma forma de trabalho obrigatório." (WOOD, 1997, p.140). Já Krúpskaia, usufruiu da própria questão biológica para defender a mulher, expondo que o feto ainda não se constitui como vida autônoma, mas sim, como parte do organismo feminino (Ibidem: p.140).

Por outro lado, o Jenotdel cumpria também um papel que, à primeira vista, pode ser entendido como oposto à transgressão revolucionária, no que condiz à emancipação feminina. É o caso, por exemplo, das defesas do Jenotdel pela revogação do banimento do trabalho noturno feminino e pela necessidade da pensão alimentícia. Em relação ao primeiro, após o banimento do trabalho noturno feminino, como forma de evitar a superexploração das mulheres pelos patrões, o Jenotdel, como explicita Goldman (2014: p.240), foi levado à defesa do que seria contrário ao esperado, defendendo a possibilidade de as mulheres trabalharem nos períodos da noite, dado que tal banimento com frequência era usado como justificativa para a não contratação de mulheres. Percebe-se, assim, não a defesa de uma igualdade total e formal (de que se homens trabalham à noite, mulheres também devem trabalhar), mas uma defesa baseada na percepção das condições materiais existentes – isso é, a sobrevivência das mulheres que estavam em maior número desempregadas.

Processo parecido é a defesa do Jenotdel pela pensão alimentícia. No âmago das discussões sobre o Código do Casamento, Família e Tutela, de 1918 – uma das legislações que mais respondia às questões femininas – das quais a sociedade como um todo foi chamada a participar, muitas ideias, progressivas e conservadoras, foram

pautadas. Uma delas, apresentada pela delegada ucraniana Roslavets um congresso para a discussão e decisão sobre o código, era de que pagar pensão era “nada mais do que pagamento por amor” (*apud* GOLDMAN: 2014, p.77). De fato, tal opinião era em muito progressiva. Todavia, a delegada enviada pelo Jenotdel foi contrária a ela, pois considerou as condições materiais em que se encontravam a grande maioria das mulheres daquela época – condições essas que não eram as mesmas dos homens. Disse ela: “A pensão alimentícia é necessária enquanto o Estado não puder tomar todas as crianças sob a sua proteção” (GOLDMAN: 2014, p.293). A conclusão final sobre a pensão alimentícia no Código foi que essa seria paga, por um período determinado, apenas para os necessitados financeiramente, sendo possível para ambos os cônjuges e paga por um deles e não pelo Estado.

Um partido de homens, um departamento de mulheres

A militância do Jenotdel não era, todavia, feita apenas de vitórias. Possivelmente, a mais massacrante derrota do departamento foi em relação à inserção das mulheres nos organismos políticos oficiais. Na década de atuação do Jenotdel, o número de mulheres filiadas como membros do Partido era de 7,5% em 1920, chegando ao auge de apenas 11%, em 1926. No mesmo ano, o número de mulheres participantes nos sovietes foi de 18% na cidade e 9% no campo. Nos sindicatos, no período pré-revolucionário, o número era de por volta de 5%, chegando a 17% em 1913, tendo aumentado para 22% em 1922, em Moscou e Petrogrado (fora dessas cidades, era de 3,7%). O número de mulheres em postos administrativos do Partido era de 1/6 dos homens até 1930. No nono congresso do Partido (1920), mulheres foram 5% das delegadas votantes e no décimo, em 1922, 2% (9 mulheres de 513 delegados, *apud* HAYDEN: 1976, p.166). Os dados mais massacrantes, porém, certamente são os relativos aos corpos da direção partidária (Comitê Central, Orgburo, Politburo e Secretariat). No período pré-Jenotdel, houve uma candidata a membro do CC, em 1912 (Elena Stasova), sendo o total de 3 membros eleitos até 1917 (uma delas sendo Aleksandra Kollontai, no Comitê Executivo Soviético). Pós-Jenotdel, temos 1 membro eleito em 1918 (novamente, Stasova), 1 em 1919 (desconhecida) e zero entre 19120 e 1924. Entre 1924 e 1939, período já sob Stálin, em que os cargos de liderança funcionavam em geral mais como fachada, do que como poder real, temos 4 mulheres no Comitê Central, três delas ex-diretoras do Jenotdel – Klaudia Nikoláeva (3 vezes), Aleksandra Artiúkhina (2), Nádiejda Krúpkaia (3). A outra era Kaligna (1).

Como se percebe, seja pelo contexto complicado, que envolveu guerra civil (1918-1921), mudança de chefes de governo (Lenin era profundamente mais entusiasta da questão feminina e do Jenotdel que Stálin), mudança brusca de líderes do Jenotdel (Inessa Armand, primeira diretora geral, faleceu em 1920, bem como Konkórdia Samóilova, uma das principais líderes, falecida em 1921; Kollontai entrou como diretora em 1920 e foi retirada do cargo em 1922, por sua participação na Oposição Operária; Sofia Smidóvich entrou em 1924 e foi trocada, em 1927, por Aleksandra Artiúkhina, militante próxima de Ióssef Stálin e alinhada com suas políticas) ou pela própria dificuldade de lidar com o conservadorismo de mulheres e homens russos, o Jenotdel não teve amplo sucesso em levar a mulher aos organismos políticos de base e direção partidários. Por sua ainda menor entrada nesse segundo, entendemos que a resistência dos homens do Partido (e principalmente da direção desse) tinham ainda menos facilidade em dividir o poder com o outro sexo.

Percebe-se, também, pelos dados, que se a dificuldade do Jenotdel em chamar as mulheres para participar dos órgãos oficiais era difícil nos centros urbanos, ainda mais o era no meio rural, que era o mais extenso na geopolítica soviética. Quanto a isso, de fato devemos considerar o fator do conservadorismo das chamadas *babas* e *mujiques*, que estavam consideravelmente mais presentes nas áreas rurais, porém, deve-se compreender também que a própria postura do Partido e da direção partidária quanto aos moradores do campo, em algum grau, reproduzia os estereótipos e preconceitos em relação a eles.

Todavia, apesar desse fracasso em relação aos organismos políticos, um dado destaca-se o de mulheres participantes do Jenotdel, as delegadas, eleitas por congressos ou assembleias do Jenotdel, para realizar as tarefas (como as dispostas em subitem anterior) relacionadas a esse, além de defender as posições do Departamento para as mais variadas instâncias de debate e decisão. Essas, em direção contrária aos organismos do restante do Estado, cresciam de forma progressiva e apresentavam-se em grandes números. Em 1922, foram 95.000 mulheres, considerando o Jenotdel por toda a Rússia. Entre 1923 e 1924, 208.700. Entre 1924 e 1925, 378.000. Entre 1925 e 1926, 500.000 e entre 1926 e 1927, 620.000 mulheres (IÚKINA: 2006).

Muito mais do que uma secretaria de mulheres: entre o caráter burocrático e o caráter movimento

Tal divergência nos faz pensar em um duplo caráter do Jenotdel: por um lado, atuava como uma “secretaria feminina” interna ao Partido, que cumpria tarefas internas, com as militantes do próprio PC, realizando agitação e propaganda sobre as campanhas gerais dessa organização, escrevendo publicações voltadas para as mulheres, que continham linhas partidárias adaptadas ao público feminino e supervisavam os materiais do Partido publicados sobre mulheres. A líder do Jenotdel participava também de reuniões da direção, como representante do departamento, nos pontos que tangiam às políticas das mulheres. Por outro lado, vemos um segundo caráter (ainda que não visto na época, dado que estamos apenas separando por razões didáticas), que seria o caráter “movimento”. Esse, constituído pelas relações do departamento embasadas na população feminina em geral, que era quem de fato realizava a grande maioria das tarefas (vistas acima), nos parece que foi significativamente mais importante na existência do Jenotdel – e que, talvez, tenha de fato aprofundado o aspecto do Jenotdel em servir mais às mulheres que ao Partido. A quantidade significativa de mulheres representantes do Jenotdel demonstra que, seja pela resistência dos outros organismos em abarcar as mulheres, seja por uma decisão objetiva por parte do Jenotdel, seja pela força das mulheres que, em ausência de seus pais e maridos, podiam ser livres, o caráter movimento de fato solapou o caráter burocrático e partidário do Jenotdel.

Sempre que necessário: entre o trabalho doméstico e o não doméstico

Se englobar as mulheres à maioria dos organismos políticos foi um fracasso, houve, em contrapartida, uma conquista do Jenotdel que perdurou para muito depois de seu fim: uma maior igualdade entre os sexos no que condiz ao trabalho não doméstico. Obviamente, houve motivos pragmáticos, por parte do Estado, para fazer perpetuar essa conquista: deixar as mulheres ocuparem cargos historicamente masculinos significava mais mão de obra especializada, mais trabalhadores produzindo – o que encaixava totalmente no movimento stakhanovismo, por exemplo - e, em última instância, possibilidade de pagar menos a um trabalhador pelo mesmo trabalho realizado, dado que, apesar de haver leis e discussões sobre a necessidade de igualar os salários, essas nunca foram cumpridas totalmente. Porém, ainda assim entendemos que foi uma importante conquista para as mulheres que, na maior parte do mundo, demoraram ou nunca puderam ser tudo o que uma mulher soviética pôde: motorista, piloto, engenheira,

médica⁴, astronauta. Isso se refletiu também na Grande Guerra Pátria, em que, posto que necessário à URSS, as mulheres foram à guerra não apenas como enfermeiras, mas como soldados, estando muitas vezes na frente de batalha, ao lado dos homens, e realizando as mesmas tarefas que eles – tarefas que, historicamente, não são permitidas ou relacionadas às mulheres, como lutar, guerrear, assassinar.

A nova velha mulher

Porém, acabada a guerra, as mulheres-soldado, heroínas de batalha, voltavam para seus lugares originais. Não os lugares originais no pós-revolução, que permitiam, em algum grau, a mulher ser livre e independente, mas o lugar original das velhas sociedades tradicionais. A partir da década de 1930, principalmente, há um grande retrocesso na União Soviética em relação a, entre muitos outros aspectos, a questão feminina. A família volta a ser um elemento central na sociedade e, com isso, a mulher volta ao posto de mãe, mas não como antes, no tsarismo e demais sociedades da época. Agora ela devia ser mãe da nação, produzindo filhos como os stakhanovistas produziam peças. Como, porém, nem tudo mudou, a mesma mulher que, segundo o Estado, deveria parir e cuidar de sete, oito, doze filhos, tinha que, concomitantemente, trabalhar fora do ambiente doméstico, tal como o homem que não precisava ter a mesma responsabilidade com a criança.

O fim da questão feminina

Apesar de não termos acesso a relatos sobre, aparentemente o rechaço com as mulheres na política cessou – ao menos com aquelas que estavam alinhadas com Stálin. Porém, o rechaço com as mulheres que tratavam seu gênero de forma política tomou forma tão intensa que fez essa abordagem transgressora cessar. A 5 de Janeiro de 1930, o Departamento de Mulheres do PC foi extinguido, tendo sido usada, por Stálin, a seguinte frase, para justificar tal feito: “A questão das mulheres foi solucionada”. Sendo assim, não era mais necessário um departamento para tratar de forma específica uma questão que não mais existia. Decisão tomada de forma autoritária, em contraposição à vontade da maioria das militantes do departamento, o Jenotdel foi extinto.

Nesse sentido, os objetivos do movimento de mulheres – que antes poderiam beneficiar o Partido, as mulheres ou a ambos – agora passavam a ser apenas os do primeiro. As

4 Havia, contudo, diferenças dentro das mesmas profissões, como problematizo em SENNA:2017

tarefas – também antes elementos em disputa – agora diziam respeito somente ao Partido e ao Estado, que, autoproclamados neutros, diziam ser idênticas as premissas de defender o socialismo (na verdade, a URSS) e defender as mulheres. As pautas de luta, por sua vez, por vezes em discurso eram colocadas como respondendo à questão feminina – como foi o caso do Dia das Mulheres de 1930 que não deixou de existir como dia específico desse gênero; porém, se antes esse dia trazia campanhas específicas às mulheres, após o fim do Jenotdel, tais bandeiras não mais diziam respeito às causas femininas, mas, sim, a elementos gerais, como, por exemplo, o principal slogan do referenciado dia, “100% coletivização dos campos”. As conquistas, frutos de lutas históricas das mulheres soviéticas, foram, em sua maioria, eliminadas, em teoria ou na prática, como o aborto, que voltou a ser criminalizado 1936 ou o divórcio, que voltou a se complexificar, sendo realizado apenas judicialmente, a partir de 1944.

Como prova de que a questão feminina não havia sido solucionada, algumas iniciativas foram realizadas ao longo dos anos, em prol das mulheres, na URSS. Poucos anos após o fim do Jenotdel, um diretório feminino é criado (*Jensektori*) e, após, um soviete de mulheres (*Jensoveti*). Ambos são apenas órgãos de controle ideológico e de propaganda (POSADSKAIA: p.43;89), controlados pela direção partidária e logo são eliminados, dadas as contradições daquele contexto. Há também um Comitê Antifascista de Mulheres Soviéticas, criado no primeiro ano da Grande Guerra Patriótica, mas que é limitada à questão da guerra e, após essa, à “luta pela paz” e “solidariedade entre os povos”, sem, porém, o desejo de transformar a situação e lugar das mulheres.

“O conflito é pai de todas as coisas! Onde o choque das ideias é impossível, não poderá haver criação de novos valores”

Liév Trótski

Fruto do seu tempo e oportunidade perdida, até hoje não houve na URSS um organismo que lutasse pela emancipação feminina e tivesse conquistas tão transgressoras como teve o Jenotdel nos anos em que existiu. Tal fato é, como se sabe, totalmente convergente à lógica do que o URSS tornou-se: uma sociedade em que se pregava apenas o lado positivo dos acontecimentos, ainda que tal lado fosse mentira; uma sociedade em que não havia discordância, imperfeições ou conflitos; uma sociedade em que as mulheres não podiam brigar por suas posições para com os homens, com o

Partido ou com a direção partidária, porque a igualdade já havia sido conquistada; porque não havia questão feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e revolução*. São Paulo : Boitempo Editorial, 2014. (a)

HAYDEN, Carol. *The Zhenotdel and the Bolshevik Party in Russian History*, III, 2: 1976, p. 150-173.

IÚKINA, I. Gênero como uma ferramenta para a aprendizagem e transformação da sociedade e Feminismo na URSS. Original em russo: Гендеркак инструмент познания и преобразования общества.[s.l.]: 2006.

SENNA, Thaiz Carvalho. *A questão feminina na Rússia e suas respostas: análise por meio da lei do desenvolvimento desigual e combinado*. Marx e o Marxismo - Revista do NIEP-Marx, [S.l.], v. 4, n. 7, p. 258-280, fev. 2017. ISSN 2318-9657. Disponível em: <<http://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/180>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

STITES, Richard. *Zhenotdel: Bolshevism and Russian Women, 1917-1930 in Russian History* III: 1976, p.174-193.

_____. *The women's liberation movement in Russia: Feminism, Nihilism, and Bolshevism, 1860-1930*. Princeton: Princeton University Press, 1978.

WOOD, Elizabeth. *The Baba and the Comrade: Gender and Politics in Revolutionary Russia*.: Bloomington: Indiana University Press, 1997.